

CONCEPÇÕES DA INFÂNCIA SEGUNDO ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFPB

Thais Gomes de Vasconcelos
Universidade Federal da Paraíba
thahis.vasconcelos@hotmail.com

Resumo

Os conceitos vinculados às concepções de infâncias têm passado por várias transformações ao longo da história. Resgatar esta narrativa, faz com que possamos perceber as alterações sociais do ser criança, assim como as concepções entendidas pelos sujeitos na contemporaneidade. Assim, esse artigo trata-se de uma atividade realizada na disciplina de Seminário Temático, componente curricular do curso de pedagogia da UFPB, que teve por objetivo identificar as concepções dos estudantes do curso acerca do ser criança, a partir do paralelo referente a sua própria infância. Para alcançar tal intento, buscamos conhecer alguns aspectos relacionados à infância desses alunos, bem como suas percepções a respeito da infância contemporânea; com tais dados, refletimos acerca dos mesmos a partir de referenciais teóricos e documentais. Constatamos que existem mudanças no ser criança, mas que alguns aspectos dela ainda permanecem presentes na sociedade brasileira. Sendo assim, é de suma importância que os futuros pedagogos reconheçam e analisem essas mudanças para que compreendam a infância contemporânea com a qual terá contato em sua prática pedagógica.

Palavras-chave: Criança; Infância; Formação docente.

Introdução

O ser criança é marcado pelas transformações socioculturais vivenciadas pelas sociedades. De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (2009, p.1), a criança

[...] é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Atualmente encontramos muitos estudos que já foram realizados sobre as infâncias que têm em vista compreender as crianças no seu respectivo tempo e espaço. De acordo com Marín-Díaz (2010), a infância passou por modificações na sociedade, ocorrendo o enfraquecimento entre as fronteiras do mundo infantil e mundo dos adultos; essa transformação foi vista por alguns autores como o desaparecimento ou a morte da infância.

Ainda para Marín-Díaz, existe uma infância que foi instituída no início da modernidade, que é denominada de infância clássica e outra organizada a partir da segunda

metade do século XVIII, a moderna liberal. Nas suas palavras “A primeira esteve vinculada às noções de obediência e disciplina; a segunda, às de inocência, interesse e aprendizagem” (2010, p.199). Partindo dessa ideia, observa-se que na contemporaneidade existem resquícios das duas concepções, a clássica e a liberal, pois algumas pessoas ainda tentam romantizar a imagem da criança e ao mesmo tempo vislumbram uma aprendizagem autônoma.

As tentativas de explicar o surgimento do sentimento de infância teve como pioneiro os estudos de Philippe Ariés. Para ele não existia um sentimento de infância na Idade Média e as crianças poderiam ser vistas como adulto em miniatura por utilizar vestimentas semelhantes, pesadas e sem movimento. Atualmente encontramos críticas às ideias promulgadas por Ariés e dentre elas estão as de Stearns (2006, p.11, Apud Lustig et al, 2014 p. 6) ao afirmou que “Todas as sociedades ao longo da história, e a maior parte das famílias, lidaram amplamente com a infância e a criança”. Nesse sentido, as crianças sempre precisaram dos cuidados especiais, como providência de alimento, proteção contra o frio e o calor, ajuda ao ficar doente ou realizar atividades que ainda não são capazes de fazer sozinhas como sua própria higiene pessoal. De tal modo, o que se modifica é a forma cultural vivenciada em cada sociedade, à medida que cada grupo tem suas tradições, padrões e linguagens; quando as crianças nascem já os encontram, sendo incorporados ao seu convívio. Assim,

seja o desaparecimento da infância, seja o desenho de outro mundo infantil, com qualidades diferentes, o que parece evidente é que a infância como noção está se deslocando. Contudo, tal ocorrência não se encontra associada à visão de progresso, desenvolvimento ou evolução, mas, sim, ao acontecimento de um conjunto de práticas concretas de adultos e crianças em contextos históricos e culturais específicos (MARÍN-DÍAZ, 2010, p. 198).

Nessa direção, baseado nos estudos elaborados por Andrade (2010), Momo (2014), Marín-Díaz (2010) e Sarmiento (2004), sobre crianças e infâncias, este trabalho tem por objetivo identificar a concepção dos estudantes do curso de Pedagogia da UFPB acerca do ser criança na contemporaneidade a partir do paralelo referente à sua própria infância. Para alcançar tal intento, buscamos conhecer alguns aspectos relacionados à infância desses alunos, bem como suas percepções a respeito da infância contemporânea.

Metodologia

Trata-se de uma atividade realizada na disciplina de Seminário Temático, componente curricular do curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Para realização da mesma, selecionamos dez estudantes universitários do curso de pedagogia, sendo cinco do sexo feminino e cinco do masculino que denominamos respectivamente de x1, x2, x3, x4, x5 e y1, y2, y3, y4, y5, para preservar o anonimato dos/as entrevistados/as. A escolha desses sujeitos, para refletir as concepções de infâncias, foi devido ao interesse demonstrado pelos/as mesmos/as em ter, entre uma das possibilidades de atuação profissional, o campo da educação infantil. Por isso, a curiosidade de saber como estes sujeitos veem as crianças na contemporaneidade.

Para o desenvolvimento do trabalho foi entregue aos/as estudantes um questionário com sete perguntas abertas, que consistiam em conhecer aspectos relacionados à identidade desses/as participantes, assim como questões que versavam sobre sua compreensão do ser criança na atualidade. Tais questões foram: “Idade”; “Quando criança morava em casa ou apartamento?”; “Atualmente mora em casa ou apartamento?”; “Como foi sua infância?”; “Do que você brincava quando criança?”; “O que você acha das brincadeiras infantis na atualidade?”; “Como você vê a infância hoje?”. Desse modo, buscamos estudar a partir dos referenciais teóricos e bibliográficos a concepção de infância de alguns/mas dos/as estudantes do curso de Pedagogia da UFPB.

Resultados e Discussão

Percepções da infância segundo os alunos do curso de pedagogia UFPB

A concepção de infância é alterada conforme o tempo e espaço ocupado pelas crianças de modo a não termos elaborado um conceito estático dessa categoria social. Por outro lado, vários estudos já foram realizados sobre as características das crianças assim como também foram elaboradas legislações de proteção o que mostra a transformação no modo de considerar as crianças como protagonistas das suas histórias. De acordo com Momo (2014 p.13) “[...] as crianças, e as pessoas em geral, deixam de ter como principais instâncias educativas a Família, a Igreja e a Escola. As modificações na área da tecnologia e da mídia ampliaram as possibilidades de se aprender sobre o mundo e sobre a vida, ampliaram as instâncias educativas”.

Partindo dessa perspectiva, podemos afirmar que as crianças que chegam nas instituições escolares não são as mesmas da época de seus pais e antepassados; segundo Momo, “[...] muitas vezes, as professoras relatam que as crianças de hoje não sabem esperar a sua vez (de comer, de jogar, de escovar os dentes, de falar...), cantam, dançam e brigam no ambiente das salas de aula da Educação Infantil enquanto elas propõem e conduzem outras atividades” (MOMO, 2014, p.8).

Segundo os estudos realizados com dez estudantes do curso de pedagogia que vivenciaram as transformações do final do século XX e o início do século XXI, exceto x5 e y5 que completaram doze anos antes do ano 2000, a infância não é mais a mesma de alguns anos atrás. Nas palavras de x5, “a infância atualmente está mais curta, pois as crianças estão expostas a situações de adultização, que se dar por meio da tecnologia, músicas, família, etc”. Para x2 as crianças são “alienadas à tecnologia, imediatista, consumista”. Desse modo, para estes sujeitos, as difusões das tecnologias são entendidas como negativas, devido a propagação das informações que são consideradas inadequadas para as crianças.

Já os estudantes y3 e y5 estabeleceram uma ponte entre a sua época de criança e afirmaram que as atuais são “muito controladas pelo sistema; antes fazer bagunça era uma maneira de ser feliz, todos nos davam atenção” (y5); para y3 “[...] a atual é criada de acordo com as novas necessidades da sociedade, que por esse lado é positivo mas se pensarmos nos impactos emocionais, ambientais e de relacionamentos interpessoais, estamos caminhando para um abismo”. Desse modo, para estes/as as transformações na sociedade são visíveis, e num curto espaço de tempo, se comparado a época da infância dos/as entrevistados/as. Para estes/as as transformações mostraram-se negativas devido às alterações nos espaços de socialização das crianças.

Nesse sentido, observamos que as mudanças das infâncias são percebidas e muitas vezes rotuladas com negatividade pelo fato da cultura infantil ser permeada por bens de consumos adultos, como por exemplo, as músicas e o jeito sensual das danças reproduzidas pelos pequenos, assim como também o modo de brincar que sofreu algumas alterações.

Por outro lado, para a entrevistada x1, “a infância hoje se enquadra ao contexto social o qual estamos vivenciando. Algumas pessoas apontam que as crianças de hoje parecem adultos, no entanto é necessário perceber que a criança de hoje é um espelho da sociedade com a qual ela convive.” Assim, a ideia dessa estudante mostra-se coerente porque cada época histórica apresenta suas características políticas, culturais, sociais e econômicas das quais refletem nas crianças.

Se pensarmos o tempo presente, observaremos que a mídia investe cada vez mais nas propagandas com conteúdo de consumo que vai desde produtos alimentícios a acessórios como as roupas. Estas são expostas através dos artistas mirins que apresentam um modelo de agir e se comportar que são copiados pelas crianças. Em parte, não podemos apenas apontar a mídia como causadora dessa transformação, pois as estruturas familiares também sofreram modificações, os pais já não exercem a mesma autoridade intimidadora sobre os filhos e as mulheres, que em outrora ocupavam o espaço do lar, passaram a ser parte do mercado de trabalho deixando a formação de seus filhos a cargo das creches ou familiares.

Todas essas mudanças no cotidiano das pessoas fizeram com que insurgisse uma geração de crianças que são empoderadas, questionadoras, criativas, que tomam decisões sobre o que desejam vestir, comer ou beber. Todavia, não podemos esquecer que são crianças, sendo a infância, um período crucial de descoberta de si e do mundo; tal etapa da vida deve ser composta por momentos de aprendizagens construtivas, com movimentos, coordenação motoras, desenvolvimento da linguagem oral, leituras e brincadeiras que aqui compreendemos como pertencentes à cultura infantil, permitindo a interação, comunicação, socialização e aprendizagens, promovendo seus desenvolvimentos.

Segundo Brougère (2010, p. 104), “a criança pequena é iniciada na brincadeira por pessoas que cuidam dela, particularmente sua mãe. Não tem sentido, afirmar que uma criança de poucos dias, ou de algumas semanas, brinca por iniciativa própria.” É a partir dessa interação, entre os sujeitos, que as crianças aprendem a compreender a brincadeira, de modo a produzir posteriormente novas situações.

Com relação às brincadeiras, os/as futuros pedagogos/as destacaram que a conjuntura social e a expansão da tecnologia mudaram os espaços de vivência das crianças e conseqüentemente as brincadeiras sofreram esse reflexo. Assim, destacaram as seguintes brincadeiras de sua época:

Quadro I: BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS

	Brincadeiras
x1	Baleado, barra bandeira, escolinha, esconde-esconde, peça teatral e toca toca.
x2	Bola, boneca, cantar, dançar, esconde-esconde, elástico e pular corda.
x3	Bola

x4	Casinha, esconde-esconde, pular elástico, queimada e toca toca.
x5	Boneca e casinha.
y1	Baleado, barra bandeira, esconde-esconde, luta, tocatoca.
y2	Polícia e ladrão, e esconde-esconde.
y3	Bonecos, carrinhos e jogar bola.
y4	Pião e bola de fone.
y5	Barra-bandeira, caçar, futebol, garrafão, jogar pião, pipa, pescar, soltar e toca toca.

Fonte: Quadro elaborado a partir dos dados coletados nos questionários aplicados aos entrevistados (VASCONCELOS, 2017).

Diante do exposto, podemos observar que a brincadeira de bola e toca toca, apareceram tanto para meninas como para meninos. Grosso modo, as brincadeiras citadas pelos/as entrevistados/as são realizadas em conjunto e permitem o movimento motor. Elas também permitem a comunicação, a aprendizagem e a convivência com as regras, interpretação e decisões do desejo livre de brincar, tornando-se “[...] um espaço à margem da vida comum, que obedece a regras criadas pela circunstância” (BROUGÈRE, 2010, p.106).

Na visão dos/as estudantes, as transformações sociais e culturais refletem na forma do brincar na infância onde muitas das crianças do século XXI, também são tecnológicas, consumistas, adultizadas e preferem os eletrônicos para passar o tempo. Nas palavras de x1: “acho que as brincadeiras infantis na atualidade estão em outros espaços, pois as crianças da contemporaneidade utilizam o celular e o computador como um meio de brincar através dos jogos online”. Todavia, não podemos esquecer das crianças pobres que não têm acesso a certos bens culturais, formando assim outra cultura do brincar.

Para x5 as brincadeiras “estão diretamente ligadas a tecnologia e de certa forma limitam a criatividade das crianças”. E para y3 “São poucos criativos [as crianças] e muitos [adultos] não procuram estimular a imaginação e a parte motora”.

As ideias apontadas acima revelam um entendimento restrito do conceito de criatividade. O dicionário Aurélio *online* afirma que ser criativo é “a capacidade de criar, de inventar. Qualidade de quem tem ideias originais, de quem é criativo. Capacidade que o falante de uma língua tem de criar enunciados sem que os tenha ouvido ou dito

anteriormente.” Nesse sentido, podemos afirmar que as tecnologias não retiraram das crianças o desenvolvimento do ato de imaginar e criar, simplesmente novos equipamentos foram agregados a esta infância, como desenhar no *tablet*, por exemplo.

Grosso modo, as atribuições das mudanças estão atreladas à tecnologia, e as brincadeiras apresentam-se novamente como “meio parada e sem exploração do ambiente” (y1); nas palavras de x4 “hoje em dia não se vê as crianças brincando na rua como antigamente, devido a situação de perigo”; tal questão é relevante a medida que essa é uma das realidades apresentadas, muitas vezes de forma sensacionalista, nas mídias.

Contudo, atualmente, ainda observa-se a permanência de algumas brincadeiras antigas o que mostra que mesmo com o avanço tecnológico ainda encontramos resquícios do passado, como por exemplo, brincadeiras como o toca toca e esconde esconde que são vistas nos espaços escolares, assim como também bola, boneca, cantar, dançar e soltar pipa, brincadeiras e brinquedos que estão presentes em diferentes contextos históricos e sociais, inclusive no atual. Assim, “as crianças partilham conhecimentos, rituais e jogos que vão sendo transmitidos de uma geração de crianças para a seguinte” (SARMENTO, 2004, p.14).

Ainda sobre os/as entrevistados/as, todos/as afirmaram ter tido uma infância tranquila. Ao ser questionado sobre “como foi sua infância” y3 diz que: “[...] era muito caseiro e mesmo com minha família passando uma instabilidade financeira em um momento, eles fizeram de tudo para que fossemos afetados o mínimo possível.” Por sua vez, x5 se considerava “privada de liberdade”; os/as demais apresentaram as brincadeiras de suas infâncias, revelando detalhes importantes da cultura vivenciada. Desse modo, podemos identificar a existência de várias infâncias com acesso a múltiplas culturas.

Nesse sentido, podemos afirmar que as brincadeiras são elaboradas e vivenciadas pelas crianças no decorrer da história da humanidade. De acordo com Brougère (2010, p. 109) a brincadeira “[...] é um espaço social, uma vez que não é criada espontaneamente, mas em consequência de uma aprendizagem social e supõe uma significação conferida por todos que dela participam (convenção)”.

Conclusões

Esse breve estudo possibilitou constatar, a partir da visão dos/as autores/as e entrevistados/as, que os conceitos de criança e infância são construídos social e culturalmente e refletem no modo do ser criança, assim como apresentam permanências e transformações.

Tais questões puderam ser observadas através das brincadeiras citadas pelos/as participantes desse estudo como esconde-esconde, toca-toca, pião, boneca, que foram transmitidas das gerações passadas às crianças contemporâneas, mas apresentaram mudanças em seu modo de brincar como é o caso das novas tecnologias, através dos jogos digitais.

Após as análises apresentadas, observamos que os/as estudantes do curso de Pedagogia da UFPB tiveram uma infância diferente das crianças dos dias atuais, e estes atribuíram as mudanças, especialmente, ao avanço da tecnologia na sociedade. Desse modo, é necessário entender que as mudanças são reflexos dos “novos tempos” e que é necessário refletir sobre tais circunstâncias com um olhar mais ampliado.

Portanto, compreender as transformações das infâncias na formação do/a pedagogo/a serve para reconhecer que cada geração apresenta especificidades e que estes/as profissionais precisarão entender às diversas formas de ser criança na contemporaneidade.

Referências

- ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Tecendo os fios da infância**. In: **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais** [online]. São Paulo: Editora UNESP, Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/h8pyf/pdf/andrade-9788579830853.pdf>. Acesso 27.10.2017.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Afiliada, 1981.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 2010, p.104-115.
- Dicionário Aurélio online. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/criatividade> Acesso 10.08.2018.
- Diretrizes Curriculares da Educação Infantil, 2009.
- LUSTIG et al. **Criança e infância: contexto histórico social**. In: IV seminário de grupos de pesquisa sobre crianças e infâncias - ética e diversidade na pesquisa, Goiania:2014. Disponível em: <http://www.grupeci.fe.ufg.br/up/693/o/TR18.1.pdf> Acesso 10.08.2018.
- MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. Morte da Infância Moderna ou Construção da Quimera Infantil? IN: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 193-211. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13085>. Acesso 27.10.2017.
- MOMO, Mariangela. As crianças de hoje não são mais como antigamente! Implicações culturais do mundo contemporâneo para os modos de ser criança e de viver a infância. In: **Textura**: Canoas, 2004, p. 7-21. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1243> Acesso 10.08.2018.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos: perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação**. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000141&pid=S0103-



7307200800010001400030&lng=pt.

http://www.cedei.unir.br/submenu_arquivos/761_1.1_u1_as_culturas_na_infancia.pdf Acesso 27.10.2017.